



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**NÚCLEO ÁSIA**, RELATÓRIO XI, ANO II

# NÚCLEO ÁSIA

## **XI REUNIÃO DO GRUPO DE ANÁLISE SOBRE CHINA**

RIO DE JANEIRO, 8 DE MAIO DE 2019

Conexões: São Paulo, Brasília, Pequim, Nova York e Washington, D. C.

Palestrantes: Embaixador Yang Wanming,  
Embaixador Paulo Estivallet, Ivan Tiago  
Machado Oliveira

Comentaristas: Embaixador Valdemar Carneiro Leão e  
Embaixador Marcos Caramuru de Paiva

Coordenadora: Tatiana Rosito

TEMA

---

# A China para o Brasil e o Brasil para a China: agenda 2019

## Sobre o CEBRI

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um think tank independente, que contribui para a construção da agenda internacional do Brasil. Há mais de vinte anos, a instituição se dedica à promoção do debate plural e propositivo sobre o cenário internacional e a política externa brasileira.

O CEBRI prioriza em seus trabalhos temáticas de maior potencial para alavancar a inserção internacional do país à economia global, propondo soluções pragmáticas na formulação de políticas públicas.

É uma instituição sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro e reconhecida internacionalmente. Hoje, reúne cerca de 100 associados, que representam múltiplos interesses e segmentos econômicos e mobiliza uma rede de profissionais e organizações no mundo todo. Além disso, conta com um Conselho Curador atuante e formado por figuras proeminentes na sociedade brasileira.

**[www.cebri.org](http://www.cebri.org)**

**EQUIPE CEBRI** | Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Gerente Geral: **Luciana Gama Muniz** | Gerente de Relacionamento Institucional e Comunicação: **Carla Duarte** | **PROJETOS** > Coordenadora Acadêmica e de Projetos: **Monique Sochaczewski, Ph.D.** | Coordenadora: **Cintia Hoskinson** | Analistas: **Gabriel Torres; Teresa Rossi** | Estagiário: **João Gabriel Caetano Leite** | **COMUNICAÇÃO** > Consultor: **Nilson Brandão/Conteúdo Evolutivo** | Analista: **Gabriella Cavalcanti** | Assistente: **Carlos Arthur Ortenblad Jr.** | Estagiário: **Henrique Vidal** | **EVENTOS** > Coordenadora: **Giselle Galdi** | Assistente: **Ana Karina Wildt** | Estagiária: **Danielle Batista** | **INSTITUCIONAL** > Coordenadora: **Barbara Brant** | Assistente: **Mônica Pereira; Nana Villa Verde** | **ADMINISTRATIVO** > Coordenadora: **Fernanda Sancier** | Assistente: **Ana Beatriz Paiva** | Serviços Gerais: **Maria Audei Campos**

Relatoria: **Gabriel Torres**

---

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS -  
Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044  
Tel + 55 21 2206-4400 - [cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br) - [www.cebri.org](http://www.cebri.org)

PENSAR  
DIALOGAR  
DISSEMINAR  
INFLUENCIAR

**#2 Think tank do Brasil**

**#3 Think tank da América Latina**

Ranking *Think Tanks and Civil Societies*

Program da Universidade da Pensilvânia



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

NÚCLEO ÁSIA, RELATÓRIO XI, ANO II

# NÚCLEO ÁSIA

## XI REUNIÃO DO GRUPO DE ANÁLISE SOBRE CHINA

RIO DE JANEIRO, 8 DE MAIO DE 2019

**Conexões:** São Paulo, Brasília, Pequim, Nova York e Washington, D. C.

**Palestrantes:** Embaixador Yang Wanming, Embaixador Paulo Estivallet, Ivan Tiago Machado Oliveira

**Comentaristas:** Embaixador Valdemar Carneiro Leão e Embaixador Marcos Caramuru de Paiva

**Coordenadora:** Tatiana Rosito

# A China para o Brasil e o Brasil para a China: agenda 2019

ORGANIZADORES:



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

APOIO NÚCLEO ÁSIA:



# NÚCLEO ÁSIA

O núcleo realiza o acompanhamento sistemático de questões relevantes às relações internacionais e ao desenvolvimento brasileiro, em particular daquelas relacionadas à China.

Atenção especial tem sido dada ao acompanhamento das reformas econômicas em curso e transformações políticas na China, considerando seus efeitos globais e impactos sobre a América Latina e o Brasil. Esse exame contínuo permite fornecer informações e análises aos membros e parceiros do CEBRI e ao governo brasileiro, como forma de contribuir para a construção de um posicionamento estratégico do Brasil em relação ao país asiático, e assim auxiliar na redução do déficit de conhecimento sobre a China na sociedade brasileira.

## EDIÇÕES ANTERIORES:



RELATÓRIO I, ANO I  
22 DE SETEMBRO DE 2017



RELATÓRIO II, ANO I  
19 DE OUTUBRO DE 2017



RELATÓRIO III, ANO I  
22 DE NOVEMBRO DE 2017



RELATÓRIO IV, ANO I  
24 DE JANEIRO DE 2018



RELATÓRIO V, ANO I  
14 DE MARÇO DE 2018



RELATÓRIO VI, ANO I  
25 DE ABRIL DE 2018



RELATÓRIO VII, ANO I  
30 DE MAIO DE 2018



RELATÓRIO VIII, ANO I  
26 DE JUNHO DE 2018



RELATÓRIO IX, ANO I  
14 DE AGOSTO DE 2018



RELATÓRIO X, ANO I  
30 DE NOVEMBRO DE 2018



CONSELHEIRA

**Anna Jaguaribe**

Membro do Conselho Curador do CEBRI e Diretora do Instituto de Estudos Brasil-China (IBRACH). Atualmente, ela é Professora visitante do Programa de Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Anteriormente, trabalhou na Organização das Nações Unidas em Nova York e foi consultora da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em Genebra.



SENIOR FELLOW

**Tatiana Rosito**

Tatiana Rosito é diplomata e economista, tendo servido mais de dez anos na Ásia, cinco dos quais na Embaixada do Brasil em Pequim, onde foi Ministra-Conselheira. Atualmente, é Representante-Chefe da Petrobras na China e Gerente Geral de Desenvolvimento de Negócios na Ásia. No CEBRI, é Senior Fellow e coordenadora do Grupo de Análise sobre China. Anteriormente, foi Secretária-Executiva da CAMEX (Câmara de Comércio Exterior) e Assessora Especial dos Ministros da Fazenda e do Planejamento, entre outras funções no serviço público. É Mestre em Desenvolvimento Internacional pela Harvard Kennedy School e possui MBA Executivo pelo INSEAD e Universidade Tsinghua.



DIRETORA  
EXECUTIVA

**Julia Dias Leite**

Diretora Executiva do CEBRI desde 2015. Anteriormente, trabalhou 10 anos no Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), onde ocupou o cargo de Secretária Executiva. Recentemente, foi escolhida pelo Departamento de Estado do Governo dos EUA para o programa de Jovens Líderes Mundiais.

# Sumário

---

## RELATÓRIO

QUESTÕES ORIENTADORAS	06
-----------------------	----

---

RELATÓRIO DA XI REUNIÃO	07
-------------------------	----

Introdução	07
------------	----

45 anos de relações diplomáticas: agenda bilateral 2019 e elementos de <i>aggiornamento</i> da Parceria Estratégica Global	08
--	----

Novos instrumentos da política regional e multilateral e suas oportunidades: BRICS e o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), Belt and Road	11
--	----

Novas direções da globalização e seus impactos: como Brasil e China se posicionarão na construção de uma nova ordem mundial: visões da Ásia e América Latina	13
--	----

---

BIOGRAFIAS	14
------------	----

---

ANEXOS	16
--------	----

ANEXO I: ROTEIRO TEMÁTICO	16
---------------------------	----

---

ANEXO II: PARTICIPANTES DA XI REUNIÃO	20
---------------------------------------	----

## QUESTÕES ORIENTADORAS

---

45 Anos de relações diplomáticas:  
Agenda bilateral 2019 e elementos  
de *aggiornamento* da parceria  
estratégica global

---

Novos instrumentos da política  
regional e multilateral e suas  
oportunidades: BRICS e o Novo  
Banco de Desenvolvimento (NBD),  
Banco Asiático de Investimento em  
Infraestrutura (AIIB), Belt and Road

---

Novas direções da globalização e  
seus impactos: como Brasil e China se  
posicionarão na construção de uma  
nova ordem mundial - visões da Ásia e  
América Latina

---

# RELATÓRIO DA XI REUNIÃO

## INTRODUÇÃO

---

**E**m sua décima-primeira reunião, o Grupo de Análise sobre China inaugurou o segundo ciclo de discussões em torno a aspectos centrais das relações Brasil-China, da política externa e econômica chinesa e de suas implicações regionais e globais. Em um ano marcado por sequência de encontros de alto nível – desde a visita à China do Vice-Presidente Hamilton Mourão para a 5ª reunião da COSBAN, em maio, passando por anunciada visita do Presidente Jair Bolsonaro à China, até a programada visita do Presidente Xi Jinping ao Brasil para a XI Cúpula dos BRICS, em novembro – participantes destacaram as múltiplas janelas de oportunidade oferecidas ao aprofundamento da confiança mútua política e à ampliação da cooperação bilateral em áreas de interesse comum. Segue-se um resumo dos principais pontos debatidos na reunião, de acordo com os três temas propostos.

## 45 ANOS DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS: AGENDA BILATERAL 2019 E ELEMENTOS DE AGGIORNAMENTO DA PARCERIA ESTRATÉGICA GLOBAL

---

As relações diplomáticas entre Brasil e China completam 45 anos em um ano repleto de oportunidades para o aprofundamento do relacionamento bilateral e construção de “versão atualizada” da cooperação pragmática – abrangendo desde comércio, investimentos e finanças até a cooperação técnica em ciência, tecnologia e inovação. Neste sentido, destacou-se a série de reuniões de alto nível a ser realizada ao longo do ano de 2019, oferecendo sucessivas oportunidades para o fortalecimento da confiança mútua política – e, adicionalmente, para uma possível aproximação brasileira à *Belt and Road Initiative (BRI)*. Durante o primeiro semestre, a visita de delegação brasileira liderada pela Ministra da Agricultura à China e a realização da 5ª COSBAN (Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação) poderão “dar o tom” dos encontros seguintes entre Chefes de Estado: a visita oficial de Bolsonaro à China no segundo semestre e a vinda de Xi Jinping ao Brasil no contexto da XI Cúpula dos BRICS.

Em relação à visita da Ministra da Agricultura, na primeira quinzena de maio, ressaltou-se a relevância do momento delicado atualmente enfrentado pela China: estima-se que a epidemia de peste suína já tenha reduzido em 20% a produção suína chinesa. Neste contexto, avaliou-se que as autoridades brasileiras deveriam prestar solidariedade à China, mediante cooperação técnica em biossegurança, genética, nutrição, segurança alimentar, etc. Por outro lado, identificou-se na crise chinesa oportunidade para expansão das exportações brasileiras de carne bovina e de aves – embora, no curto prazo, a crise impacte negativamente as exportações brasileiras de soja, largamente destinadas à alimentação suína na China. A visita da Ministra, em última instância, foi destacada como oportunidade para construção de visão estratégica e de longo prazo sobre segurança alimentar e saúde do alimento no relacionamento bilateral.

Similarmente, a realização da 5ª COSBAN, que ocorreria no dia 23 de maio, foi apontada como ocasião singular para o fortalecimento da cooperação bilateral nas diversas áreas que compõem sua estrutura institucional – o órgão, que não se reunia desde 2015, conta com doze subcomissões temáticas, abrangendo desde agricultura, energia e mineração até cooperação espacial e cultural. Entretanto, participantes observaram a necessidade de ampliar a eficiência deste mecanismo de coordenação bilateral a partir de reforma abrangente, voltada à simplificação de suas ramificações temáticas e maior efetividade de suas decisões como orientadoras do dia a dia das relações nos diversos campos. Deste modo, as reuniões da plenária da Comissão se concentrariam na construção de confiança política e em um número reduzido de temas estratégicos, focalizando a atenção dos Vice-Presidentes.



No campo do comércio bilateral, tendo em vista transformações estruturais em curso nos motores de crescimento da economia chinesa, participantes destacaram as implicações futuras para o perfil do comércio brasileiro com a China - em particular, demanda crescente por produtos de maior valor agregado em todas as áreas. Neste mérito, apesar da volumosa corrente de comércio bilateral – muito próxima a US\$ 100 bilhões, em 2018 – participantes ressaltaram os obstáculos remanescentes ao acesso a mercados na China, especialmente para produtos alimentares de maior valor agregado (carnes, óleo de soja, etc.). Ainda, para além das oportunidades ligadas ao setor agropecuário, destacou-se o vasto potencial para ampliação das exportações brasileiras de petróleo à China e à Ásia no geral – o que, por sua vez, demandará investimentos no setor –, além do potencial para exportação de bens de consumo e serviços em geral, em especial aqueles relacionados a produtos alimentares processados.

Do lado dos investimentos externos, apesar do crescimento vertiginoso da participação chinesa em aquisições no Brasil na última década, participantes assinalaram que a ampliação futura destes fluxos – e principalmente de investimentos *greenfield* – dependerá sobretudo de ações domésticas que promovam segurança jurídica, particularmente a reforma de marcos regulatórios e a consolidação macroeconômica. A atração de investimentos também seria favorecida pela criação de mecanismos de facilitação voltados a orientar investidores sobre oportunidades em nível local – tendo em vista, por exemplo, potenciais oportunidades futuras no setor de infraestrutura de transportes em nível estadual. Ainda, ressaltou-se como desejável a criação de mecanismos que favoreçam a ampliação de investimentos brasileiros na China, incluindo por parte de pequenas e médias empresas.

Destacou-se também a relevância de explorar novos instrumentos financeiros disponíveis, como os chamados “bônus panda” e títulos (ações e bônus) denominados em moedas locais. A crescente cooperação entre instituições financeiras brasileiras e chinesas, bem como entre bolsas de valores, também foi assinalada como desejável. Já no âmbito político, a reativação das frentes parlamentares Brasil-China e Brasil-BRICS foi pontuada como positiva do ponto de vista da construção de confiança política. Porém, tendo em vista diferenças nas tradições burocráticas brasileira e chinesa – bem como na mentalidade do setor privado – participantes enfatizaram a importância do exercício de diálogo constante, no qual a imprensa, as universidades e os think tanks desempenham importante papel para a promoção do entendimento mútuo.

Apesar do amplo potencial de expansão da cooperação bilateral em suas diversas frentes, e do atual momento oportuno para tanto, também foram identificados riscos relevantes a serem levados em consideração. Por exemplo, no contexto da “guerra comercial” entre EUA e China, caso o Brasil viesse a alinhar-se aos Estados Unidos – com restrições a investimentos chineses em determinados setores de telecomunicações e outros – em de-

trimento dos também amplos laços bilaterais políticos e econômicos com a China. Ainda, embora a “guerra comercial” tenha gerado ganhos às vendas de soja brasileira, há riscos de que um eventual acordo EUA-China possa prejudicar exportações brasileiras de etanol e carnes à China – setores nos quais o Brasil enfrenta a competição norte-americana. Deste modo, destacou-se a importância de observar o desfecho ou prolongamento da “guerra comercial” à luz de suas potenciais implicações para o relacionamento bilateral com a China.

## NOVOS INSTRUMENTOS DA POLÍTICA REGIONAL E MULTILATERAL E SUAS OPORTUNIDADES: BRICS E NOVO BANCO DE DESENVOLVIMENTO (NBD), BANCO ASIÁTICO DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA (AIIB), BELT AND ROAD

---

A criação de novos mecanismos e instituições de escopo regional, plurilateral ou multilateral constitui elemento central da estratégia de expansão global chinesa. Porém, apesar da forte presença de bancos chineses operando no Brasil e dos vários fundos soberanos com recursos disponíveis para investimentos no País, avaliou-se que os mecanismos já existentes poderiam ser melhor utilizados – especialmente à luz dos necessários investimentos em infraestrutura no Brasil, ressaltados como elementos centrais da retomada do crescimento sustentado.

Embora o China Development Bank (CDB) e o China Eximbank desembolsem parcela majoritária do financiamento chinês à infraestrutura no exterior, destacou-se a crescente relevância do Silk Road Fund e do AIIB, este inclusive como braço financiador de projetos da Belt and Road Initiative. Lembrou-se que a participação do Brasil no AIIB ainda depende de aprovação no Congresso Nacional. No caso do Fundo Brasil-China, que conta do lado chinês com recursos do CLAIFund e que, desde 2017, já está operante mediante um comitê bilateral para análise de projetos prioritários, participantes destacaram a subutilização do mecanismo, que entretanto teria alto potencial para fomentar investimentos na área de infraestrutura.

Já no caso do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), apesar da aprovação de desembolsos relevantes no Brasil, pontuou-se a expectativa de uma maior atuação do banco no País, que recebeu apenas 8% dos empréstimos aprovados pelo NBD desde sua operacionalização. Destacou-se a intenção de avaliar novas formas de atuação do NBD no Brasil, inclusive através de parcerias com bancos privados e com o mercado financeiro – sendo esse o objeto de estudos em andamento conduzidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Na condição de representante brasileiro no Conselho de Think Tanks dos BRICS, o IPEA realiza estudos sobre temas estratégicos na cooperação intra-BRICS, oferecendo insumos à agenda da presidência brasileira do grupo em 2019. Destacou-se como tema prioritário da presidência brasileira a cooperação em ciência, tecnologia e inovação – área na qual os avanços identificados concentram-se na cooperação científica, com potencial para expansão em matéria de transferência de tecnologia e inovação. Outro tema prioritário abrange a análise das políticas energéticas adotadas nos BRICS – sendo o gás natural e a energia nuclear destacados como fontes particularmente relevantes para

a estratégia brasileira de cooperação energética. No campo do comércio e investimentos, estudos realizados buscam avaliar o impacto de acordos entre o Mercosul e cada país BRICS individualmente, bem como de hipotético acordo preferencial intra-BRICS em linhas selecionadas de bens. Finalmente, a presidência brasileira do grupo também elenca entre suas prioridades a cooperação entre os BRICS no combate ao crime organizado transnacional e ao tráfico de ilícitos.

Entre os instrumentos, instituições e mecanismos de alcance global liderados pela China, a Belt and Road Initiative foi reiterada como prioridade, sendo caracterizada como principal iniciativa diplomática global das últimas décadas. Alguns participantes analisaram os resultados anunciados após o Segundo Fórum *Belt and Road* para a Cooperação Internacional, que demonstrou o crescente apoio internacional à iniciativa. Reunindo Chefes de Estado e delegações de mais de 150 países, o Fórum culminou no anúncio de 283 *deliverables*, incluindo acordos de cooperação, novos mecanismos bilaterais ou multilaterais, e novos projetos, no valor total de US\$ 64 bilhões. Entre os resultados anunciados, ressaltou-se a criação de um grupo de instituições financeiras latino-americanas – no qual, notavelmente, não figura nenhuma instituição brasileira. Destacou-se, ainda, a ênfase atribuída à participação do setor privado na agenda da BRI, bem como aos critérios e padrões internacionais subjacentes a seus projetos. O Segundo Fórum também teria contribuído ao esclarecimento das prioridades da iniciativa, que revolvem em torno à promoção da conectividade terrestre, marítima, aérea e digital, através da construção de infraestrutura de alta qualidade e sustentável – contribuindo, em última instância, à integração de mercados, normas técnicas e padrões. De modo geral, o Fórum teria explicitado a intenção chinesa de tornar a BRI mais aberta, pragmática e flexível, além de incorporar ajustes em resposta a críticas passadas, principalmente sobre a sustentabilidade financeira de projetos, além da meta de tolerância zero com a corrupção.

Neste contexto, participantes convergiram na avaliação de que seria desejável ao Brasil explorar formas de formalização de sua participação na iniciativa, a partir de bases e formatos alinhados aos interesses nacionais de longo prazo e respaldados no princípio de construção conjunta. Em particular, avaliou-se a iniciativa como complementar a interesses brasileiros ligados à redução do custo logístico de exportações e à modernização da capacidade produtiva e tecnológica. Entretanto, foi feita a ressalva de que uma eventual aproximação do Brasil à BRI deve ser interpretada como aspecto adicional do relacionamento bilateral – não devendo, em hipótese alguma, condicioná-lo ou precedê-lo, tendo em vista a profundidade e densidade deste relacionamento e a posição geográfica do Brasil na “periferia” da BRI.

## NOVAS DIREÇÕES DA GLOBALIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS: COMO BRASIL E CHINA SE POSICIONARÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL - VISÕES DA ÁSIA E AMÉRICA LATINA

---

**E**m um contexto de enfraquecimento de mecanismos multilaterais, de crescente volatilidade e riscos de diversas naturezas, destacou-se a importância de Brasil e China manterem diálogo bilateral sobre governança global e apoio a instâncias multilaterais, evitando retrocessos em compromissos firmados, como nas áreas de mudança do clima e migrações. Em particular, ressaltou-se o compromisso mútuo de Brasil e China com um sistema multilateral de comércio baseado em regras, manifestando-se a expressa oposição chinesa a ações unilaterais e protecionistas. Neste sentido, participantes indicaram como desejável o aprofundamento do diálogo e concertação bilaterais sobre reforma da OMC.

Entre as características do atual estágio de transição da ordem global, participantes destacaram a coexistência entre diferentes modelos econômicos e instrumentos de troca, bem como a crescente paridade econômica entre países asiáticos e “atlânticos”. A Quarta Revolução Industrial imprimiria contornos sistêmicos e cumulativos ao processo de inovação, em contraste com antigas narrativas lineares do progresso tecnológico. Notavelmente, em um cenário global crescentemente multipolar – ainda que assimétrico – argumentou-se que estratégias de primazia baseadas em noções artificiais de bipolaridade dificilmente gerarão vencedores. Por outro lado, pontuou-se que a disputa tecnológica em curso entre China e Estados Unidos poderá gerar divisões de espaços tecnológicos e fragmentação de práticas regulatórias.

Finalmente, a criação de um leque de instituições e mecanismos de escopo regional e multilateral, liderados pela China ou com participação central chinesa, como o Novo Banco de Desenvolvimento, o Banco de Investimento e Infraestrutura Asiático e a Belt and Road Initiative, foram destacados como aspectos de uma nova ordem global, em que novas instituições coexistem com instituições multilaterais tradicionais, de forma complementar mas também com propostas alternativas de políticas e implementação de projetos. Neste sentido, pontuou-se a possibilidade de intermediação entre instâncias, como observado na interação entre Belt and Road Initiative e ONU Meio Ambiente na forma da Green Belt and Road.

# BIOGRAFIAS

---



## **Embaixador Paulo Estivallet de Mesquita**

Embaixador do Brasil na República Popular da China. Anteriormente, foi Subsecretário-Geral da América Latina e do Caribe (MRE). Foi, também, coordenador nacional brasileiro do Conselho do Mercado Comum do Mercosul, da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) e da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC). Serviu na Embaixada em Roma/FAO (1989-1993), na Embaixada em Santiago (1993-1995), na Delegação Permanente em Genebra (2003-2008) e na Delegação do Brasil junto à OMC (2008-2011). É graduado em economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

---



## **Embaixador Yang Wanming**

Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Popular da China no Brasil desde dezembro de 2018. Anteriormente, o Embaixador Yang Wanming foi Embaixador da China na Argentina (2014-2018) e no Chile (2012-2014), Diretor-Geral do Departamento da América Latina e Caribe do MNE (2007-2012), Diretor-Geral Adjunto do Departamento da América Latina e Caribe Conselheiro da Embaixada da China no México (2001-2003), entre diversas funções no Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) da República Popular da China. Nascido em Pequim em março de 1964, possui mestrado em economia e doutorado em direito.

---



## **Ivan Tiago Machado de Oliveira**

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais do IPEA. Doutor e mestre em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Estudos Contemporâneos da América Latina pela Universidad Complutense de Madrid. Graduado em Economia pela UFBA. Foi pesquisador visitante na Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD) em 2010. É autor do livro “A política comercial externa brasileira: uma análise de seus determinantes”.



### **Embaixador Marcos Caramuru de Paiva**

Ex-Embaixador do Brasil na República Popular da China, formado pelo Instituto Rio Branco (IRBr) e graduado em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi sócio e gestor da KEMU Consultoria, Cônsul Geral em Xangai, Embaixador do Brasil na Malásia, Presidente do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), Secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda e Diretor Executivo do Banco Mundial.

---



### **Embaixador Valdemar Carneiro Leão Neto**

Ex-embaixador do Brasil na República Popular da China, Previamente, o Embaixador Valdemar Carneiro Leão foi Embaixador do Brasil no Canadá (2003 - 2007) e na Colômbia (2008 - 2011). Exerceu o cargo de Subsecretário-Geral de Assuntos Econômicos e Financeiros do Ministério das Relações Exteriores, com participação de destaque nos encontros da OMC e da UNCTAD. Possui graduação em Relações Internacionais pelo Instituto de Estudos Políticos (Sciences Po), na Universidade de Paris, na França. Ingressou na carreira de diplomata em 1972, com formação pelo Instituto Rio Branco.

### ANEXO I: Roteiro Temático

Os últimos anos têm sido palco de um aumento dos riscos no cenário global, tanto do ponto de vista econômico e financeiro como em aspectos relevantes da ordem política multilateral que prevaleceu por décadas desde a segunda guerra mundial. Os avanços da digitalização (inteligência artificial, 5G, IoT, blockchain, etc.) e seu profundo impacto nos sistemas de produção e nas sociedades, novas formas de participação que colocam em xeque as estruturas tradicionais de representação política em muitos países e, no plano internacional, a dificuldade das organizações multilaterais em alcançar consensos capazes de lidar com as novas facetas de globalização estão por trás de um cenário de maiores riscos e volatilidade. Ao mesmo tempo, muitos dos problemas enfrentados hoje exigem soluções globais, como as mudanças climáticas e o aquecimento global, a necessidade de atualização de certas regras do comércio multilateral, preocupações relacionadas à segurança cibernética, novas ondas de migrações, entre outros. Temos assistido progressivamente a certa fragmentação da ordem prevalecente nos últimos quarenta anos, possivelmente em direção a uma multipolaridade com contornos exatos ainda indefinidos. Uma política externa norte-americana mais isolacionista e voltada para seus interesses nacionais imediatos e a crescente projeção internacional da China como defensora da globalização são dois aspectos centrais de uma ordem em transição. A “guerra comercial” entre as duas maiores economias mundiais indica que muito provavelmente teremos nas próximas décadas um ambiente internacional de acentuada competição e de convivência de movimentos de globalização com sua antítese, o que torna ainda mais relevante para todos os países buscar posicionar-se com vistas a ampliar as suas oportunidades.

Ainda que mudanças tecnológicas – como a revolução do shale gas nos Estados Unidos na última década – possam surpreender, é muito provável que nas próximas décadas assistamos à consolidação do poder econômico asiático, com implicações importantes para a América Latina. O Brasil destinou, em 2018, 26,8% de suas exportações para a China e 38,98% para a Ásia, o que no agronegócio chega a quase 50%, sendo responsável pela maior parte do superávit comercial brasileiro. Ao mesmo tempo, a importância dos investimentos chineses no Brasil cresceu e diversificou-se nos últimos anos, apresentando enorme potencial a explorar em áreas de interesse comum, notadamente infraestrutura. Ainda, o País volta a propor um novo ciclo de aprofundamento das relações com os Estados Unidos, um dos maiores parceiros comerciais e o maior investidor no Brasil historicamente. Esse movimento ocorre em paralelo com o pleito do Brasil de aceder à OCDE e também com a necessidade de reverem-se as bases econômicas da constituição do Mercosul. Nenhum desses aspectos é mutuamente excludente. Num cenário que é no mínimo desafia-



dor, adverso em muitos aspectos, torna-se ainda mais importante para países como o Brasil reposicionarem-se na nova ordem da forma que melhor atenda aos seus interesses de longo prazo com base no balanço de riscos e oportunidades. **Para os propósitos do Grupo China, importaria discutir, de um lado, como a evolução da economia, da sociedade e também da inserção mundial da China contribuirão para a conformação dessa nova ordem e, de outro, como as relações bilaterais podem contribuir para a ampliação daquelas oportunidades não somente em nível nacional e regional, mas multilateral,** ainda que sobre novas bases. Trata-se não somente de uma construção conceitual, mas de identificar interesses concretos de natureza setorial, regional ou global (no agronegócio, em infraestrutura, em economia digital, em transição energética e mudança climática, eficiência energética, integração regional, segurança cibernética, parques tecnológicos, mobilidade urbana, cidades inteligentes, etc.) que possam contribuir para o avanço das relações de forma mutuamente benéfica.

Do ponto de vista externo, a China, que sempre buscou caracterizar a sua ascensão econômica como um movimento pacífico, tem buscado enfatizar a sua firme defesa desse princípio e também de um aprofundamento da globalização, com base no fortalecimento do multilateralismo. A China ampliou consideravelmente sua atuação externa nos últimos anos mediante a liderança na criação de diversas instituições regionais ou plurilaterais de alcance global, complementares à ordem vigente, como o Banco de Investimentos em Infraestrutura Asiático - AIIB, o New Development Bank – NDB e o próprio BRICS, a Organização para a Cooperação de Xangai - OCX, entre muitos outros foros em que a China busca construir uma moldura própria de diálogo com países, grupos de países, regiões ou continentes. Sem dúvida a mais importante dessas iniciativas é a Belt and Road, lançada em 2013 pelo Presidente Xi Jinping e que realizou em 26 e 27 de abril o seu segundo fórum de alto nível. Aqui podem encontrar-se os principais resultados do encontro (<http://www.beltandroadforum.org/english/index.html> ou <https://eng.yidaiyilu.gov.cn>).

**Como o Brasil, que é membro e participante ativo de muitos desses foros, pode melhor aproveitar as oportunidades a eles relacionadas? O Brasil sediará o encontro do BRICS em novembro de 2019. Como aproveitar esse momento diante das novas prioridades de política externa?**

O ano de 2019 marca os 45 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a China. É também um ano importante para os dois países: no Brasil, trinta anos depois da primeira eleição democrática, é o primeiro ano de um governo que propõe mudanças significativas na organização do Estado, na sua relação com a economia e a sociedade e também na condução da política externa. O País tem pela frente desafios importantes de implementar reformas sem as quais dificilmente se viabilizará uma retomada do crescimento econômico em níveis mais elevados, capazes de recolocar a renda per capita em trajetória ascendente. Espera-se que uma maior estabilidade alicerçada naquelas reformas, a começar pela reforma previdenciária, possa proporcionar uma nova onda de investimentos internacionais em ampla escala, acompanhada de maior abertura comercial e também da continuidade de reformas microeconômicas em direção à maior competitividade da economia, como no se-

tor de energia. A China segue sendo não somente o principal parceiro comercial brasileiro, mas também provavelmente uma das principais origens de investimentos nesse novo ciclo.

Para a China, 2019 marca os setenta anos da “Nova China” e da chegada do partido comunista chinês ao poder (PCCh). Não é necessário repetir aqui todas as evidências de que nesse período, mas sobretudo a partir de 1978, com a política de abertura e reforma, a China apresentou ao mundo a mais notável experiência de crescimento econômico da história, com efeitos importantes sobre a renda e a qualidade de vida da população. Assim, a China encontra-se bem posicionada para alcançar sua meta de dobrar a renda per capita entre 2010 e 2020, mesmo ano em que deve concretizar o objetivo de eliminar a pobreza. A China também tem lidado com seus próprios desafios no contexto da transição de um modelo baseado em investimentos e exportações e em metas quantitativas para um modelo com maior peso para o consumo doméstico e com ênfase na qualidade do desenvolvimento. A chamada “guerra comercial” com os Estados Unidos, iniciada em 2018, introduz dificuldades adicionais para a China nessa transição, mas também antecipa certos movimentos de liberalização e reforço do mercado que podem beneficiar o país no longo prazo. Apesar da desaceleração do crescimento nos últimos anos, a China ainda mantém uma alta taxa de crescimento do PIB em termos mundiais, acima de 6%, e tem reduzido significativamente o seu superávit em transações correntes.

Em maio de 2019 deverá reunir-se novamente a COSBAN – Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação, principal órgão de coordenação de políticas entre os dois países, que não se reunia desde 2015. Depois disso, estão previstas trocas de visitas presidenciais e a Cúpula dos BRICS, em novembro. **Há, portanto, grande expectativa por parte dos principais setores econômicos no Brasil e na China em relação às oportunidades que a agenda de 2019 poderá abrir e os resultados concretos que poderá proporcionar. Agronegócio, energia e infraestrutura são setores que provavelmente estarão no centro de uma agenda renovada,** quer pelo potencial de consolidar e aprofundar parcerias evitando retrocessos (como no caso de evitar danos potenciais em razão de acordos de acesso a mercados que privilegiem os exportadores norte-americanos), quer pelo potencial de avançar-se em moldura de planejamento e diálogo bilateral capaz de contribuir para a participação de parceiros chineses em importantes projetos de infraestrutura, que poderiam beneficiar-se de fundos estabelecidos pelo governo chinês desde 2015, cujos desembolsos ainda são baixos comparados aos recursos disponíveis. A participação de empresas chinesas em consórcios que envolvam outras empresas nacionais e internacionais poderia constituir interessante modo de entrada a mitigar riscos reais ou percebidos. Finalmente, a agenda bilateral não pode prescindir de visão de futuro e o tema da economia digital e de setores que possam contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico mútuo com base em complementaridades (biotecnologia, florestas, genoma, energias renováveis, telecomunicações etc.) são candidatos a assumir papel mais importante, com base em planejamento bilateral que envolva setores educacionais, de pesquisa e empresariais.

## Sugestões de leitura:

Asia Society.org. Task Force on US-China Policy. Course Correction: Toward an Effective and Sustainable China Policy. <https://asiasociety.org/center-us-china-relations/course-correction-toward-effective-and-sustainable-china-policy>

CEBC (Conselho Empresarial Brasil-China). Carta Brasil-China, Edição 22, abril de 2019. [https://gallery.mailchimp.com/2c61aa6bcb45643f58ef550bb/files/ce-1460fb-3ffa-42c2-961b-5c2bfc3713c8/CartaBrasilChina\\_Ed22\\_govchin2019.01.pdf](https://gallery.mailchimp.com/2c61aa6bcb45643f58ef550bb/files/ce-1460fb-3ffa-42c2-961b-5c2bfc3713c8/CartaBrasilChina_Ed22_govchin2019.01.pdf)

Fred Hu and Michael Spence. The Long Term Impact of Digital Technology on Growth, Development and Prosperity. China Development Forum, Beijing - March 2019 (Background paper). <http://www.cdrf.org.cn//jjh/pdf/shuzijishuduifazhandechangqiyingxiang.pdf>

Long Guoqiang. China: Opening up on All Fronts for Win-Win Cooperation. China Development Forum, Beijing - March 2019 (Background paper). <http://www.cdrf.org.cn//jjh/pdf/maixiangquanmiankaifangshixianhezuogongying.pdf>

Luciano Losekann. Política Energética nos BRICS: desafios da transição energética, IPEA, abril de 2019. <http://midias.cebri.org/arquivo/PaperpoliticaenergeticaBRICS.pdf>

Luis Claudio Kubota. Cooperação em ciência, tecnologia e inovação no BRICS. Boletim de Economia e Política nº 25. <http://midias.cebri.org/arquivo/CooperacaoentresBRICS.pdf>

Luis Claudio Kubota. O desempenho dos BRICS no Global Innovation Index 2018, IPEA, dezembro de 2018. [http://midias.cebri.org/arquivo/Nota\\_tecnica\\_brics2018.pdf](http://midias.cebri.org/arquivo/Nota_tecnica_brics2018.pdf)

Stephen Roach. Reshaping the US-China Economic Relationship. China Development Forum, Beijing - March 2019 (Background paper). <http://www.cdrf.org.cn//jjh/pdf/chongsuzhongmeijingjiguanxi.pdf>

RAND Corporation. China and the International Order. By Michael J. Mazarr, Timothy R. Heath, Astrid Stuth Cevallos. [https://www.rand.org/pubs/research\\_reports/RR2423.html](https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR2423.html)

## ANEXO II: Participantes da XI Reunião

### Rio de Janeiro

Alexandre Aigner	<i>BAMIN</i>
Alexandre Lowenkron	<i>Bocom BBM</i>
André Lobato	<i>Fiocruz</i>
Andréa Campos Gomes Fernandes	<i>BNDES</i>
Anna Jaguaribe	<i>CEBRI</i>
Antonio Fleichman	<i>Prumo Logística</i>
Aspasia Camargo	<i>FGV</i>
Armando Mariante	<i>CEBRI</i>
Barbara Brant	<i>CEBRI</i>
Beatriz Garcia	<i>CEBRI</i>
Carla Duarte	<i>CEBRI</i>
Cassio von Gal	<i>Bocom BBM</i>
Chen Weihua	<i>Xinhua News Agency</i>
Christiano França	<i>Engetec Construções e Montagens SA</i>
Cintia Hoskinson	<i>CEBRI</i>
Claudia Chamas	<i>Fundação Oswaldo Cruz</i>
Cristina Ho	<i>BAMIN</i>
Denise Gregory	<i>CEBRI</i>
Eduardo Prisco Ramos	<i>ERERIO</i>
Fan Shen	<i>Bocom BBM</i>
Felipe Mello	<i>Prumo Logística</i>
Fernando Travassos	<i>ACRJ</i>
Gabriel Braga Filártiga	<i>BNDES</i>
Gabriel Torres	<i>CEBRI</i>
Gabriela Gonzalez	<i>Petrobras</i>
Gabriella Cavalcanti	<i>CEBRI</i>
Guilherme Ferreira	<i>Catavento</i>
Guilherme Novaes	<i>CEBRI</i>

Guo Yujiao	<i>Consulado Geral da China no Rio de Janeiro</i>
Hu Min	<i>Embaixada da China no Brasil</i>
Janaina Camara da Silveira	<i>CEBRI</i>
Jia Ding	<i>Embaixada da China no Brasil</i>
João Sampaio Vianna	<i>Ipanema Investimentos</i>
Larissa Wachholz	<i>CEBRI</i>
Laura Pinheiro	<i>Lapa Advogados</i>
Lavinia Barros de Castro	<i>BNDES</i>
Leandro Rothmuller	<i>Bocom BBM</i>
Li Yang	<i>Embaixada da China no Brasil</i>
Liu Xiyuan	<i>Embaixada da China no Brasil</i>
Luciana Gama Muniz	<i>CEBRI</i>
Luiz Idefonso Simões Lopes	<i>Brooksfield Brasil</i>
Marcello Britto	<i>IPEA</i>
Marcio Senne de Moraes	<i>Vale</i>
Marco Campos	<i>Prumo Logística</i>
Marcos Caramuru de Paiva	<i>CEBRI</i>
Mauro Dias Ripper	<i>IBRACH</i>
Mauricio Santoro Rocha	<i>UERJ</i>
Mauro Ribeiro Viegas Neto	<i>Concremat</i>
Miguel Flaksman	<i>Bocom BBM</i>
Mônica Pereira	<i>CEBRI</i>
Pedro H. Mariani	<i>Bocom BBM</i>
Qu Yuhui	<i>Embaixada da China no Brasil</i>
Rafael Kirsten	<i>Prumo Logística</i>
Rogério Ribeiro	<i>Vallya</i>
Ronaldo Veirano	<i>Veirano Advogados</i>
Sergio Freitas	<i>Bocom BBM</i>
Tammy Wenfeng Liu	<i>Repsol</i>

Thomas Trebat	<i>Columbia Global Centers - Rio de Janeiro</i>
Tulio Cariello	<i>CEBC</i>
Upiratan Ferreira	<i>Bocom BBM</i>
Valdemar Carneiro Leão	<i>CEBRI</i>
Wang Yilli	<i>Bocom BBM</i>
Yang Wanming	<i>Embaixada da China no Brasil</i>
Zhao Yan	<i>Xinhua News Agency</i>

## São Paulo

Denise Andrade Rodrigues	<i>BNDES</i>
Fábio Morosini	<i>UFRGS</i>
Leonardo Botelho	<i>BNDES</i>
Luciane D'avilla Melo	<i>BNDES</i>
Marcos Sawaya Jank	<i>CEBRI</i>
Maria Carolina Castro	<i>CTG Brasil</i>
Michelle Ratton Sanchez Baldin	<i>FGV/SP</i>
Rafael Benke	<i>CEBRI</i>
Roberto Luiz Bogado Duarte	<i>Energhias Brasil Ltda.</i>
Roberto Teixeira da Costa	<i>CEBRI</i>
Vera Thorstensen	<i>FGV/SP</i>

## Brasília

Alejandro Barros	<i>IPEA</i>
Alexandre Gervasin	<i>IPEA</i>
Augusto Castro	<i>Ministério das Relações Exteriores</i>
Carlos Henrique Angrisani Santana	<i>Ministério das Relações Exteriores</i>
Deborah Rodrigues	<i>SAIN</i>
Guilherme Sdinutz	<i>IPEA</i>
Igor Flávio de Aguiar Germano	<i>MRE - Departamento de China</i>
Ivan Tiago Machado Oliveira	<i>IPEA</i>
Luis Kubota	<i>IPEA</i>
Luis Tironi	<i>IPEA</i>

## Pequim

---

Marco Tulio Scarpelli Cabral	<i>Ministério das Relações Exteriores</i>
Germano Corrêa	<i>Embaixada do Brasil em Pequim</i>
Paulo Estivallet de Mesquita	<i>Embaixada do Brasil em Pequim</i>
Pedro Henrique Batista Barbosa	<i>Ministério das Relações Exteriores</i>
Sergio Graneiro	<i>Santander</i>
Tatiana Rosito	<i>CEBRI</i>

## Nova York

---

Flavio Zveiter	<i>Escritório de Advocacia Zveiter</i>
José Pio Borges	<i>CEBRI</i>
Julia Dias Leite	<i>CEBRI</i>
Márcio Fortes	<i>Columbia University</i>

## Washington

---

Andre Soares	<i>BID</i>
Benjamin Creutzfeldt	<i>Wilson Center</i>
Carolina Costa	<i>McLarty Associates</i>
Claudia Trevisan	
Pepe Zhang	<i>Atlantic Council</i>
Roberta Braga	<i>Atlantic Council</i>
Sidney N. Nakahodo	<i>Columbia University</i>
Tatiana Palermo	<i>Palermo Strategic Consulting LLC</i>
Yanan Shang	<i>BID</i>

## Lima

---

Jorge Saba Arbache Filho	<i>CAF</i>
--------------------------	------------



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Alfredo Graça Lima

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Luiz Fernando Furlan

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Diretora Executiva

Julia Dias Leite

Conselho Curador

André Clark

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Claudio Frischtak

Demétrio Magnoli

Edmar Bacha

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Ilona Szabó

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Aldo Rebelo

José Luiz Alquéres

Luiz Ildelfonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Marcos Galvão

Maria do Carmo (Kati) Nabuco de Almeida Braga

Paulo Hartung

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Ronaldo Veirano

Sergio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch

Conselho Internacional

Albert Fishlow

Alfredo Valladão

Andrew Hurrell

Felix Peña

Julia Sweig

Kenneth Maxwell

Leslie Bethell

Marcos Caramuru

Marcos Jank

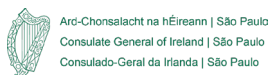
Monica de Bolle

Sebastião Salgado



# ASSOCIADOS

Em Junho de 2019



---

## Sócios Individuais

Adriano Abdo  
Álvaro Otero  
Arminio Fraga  
Carlos Leoni de Siqueira  
Carlos Mariani Bittencourt  
Celso Lafer  
Claudine Bichara de Oliveira  
Cristina Pinho  
Décio Oddone  
Eduardo Marinho Christoph  
Eduardo Prisco Ramos  
Fernando Bodstein  
Fernando Cariola Travassos  
Frederico Axel Lundgren  
Gilberto Prado  
Guilherme Frering  
Henrique Rzezinski  
Jaques Scvirer  
João Felipe Viegas Figueira de Mello  
João Roberto Marinho  
José Francisco Gouvêa Vieira  
José Roberto de Castro Neves  
Larissa Wachholz

Leonardo Coelho Ribeiro  
Marcelo Weyland Barbosa Vieira  
Marcio João de Andrade Fortes  
Maria Pia Mussnich  
Mauro Viegas Filho  
Najad Khouri  
Paulo Ferracioli  
Pedro Leitão da Cunha  
Ricardo Haddad  
Ricardo Levisky  
Roberto Abdenur  
Roberto Amadeu Milani  
Roberto Guimarães Martins-Costa  
Roberto Pereira de Almeida  
Roberto Prisco Paraiso Ramos  
Roberto Teixeira da Costa  
Rosana Lanzelotte  
Sergio Zappa  
Stelio Marcos Amarante  
Thomas Trebat  
Tomas Zinner  
Vitor Hallack  
Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

---

Desde 1998, o think tank de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2018 o terceiro melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

---

#### **ONDE ESTAMOS:**

Rua Marquês de São Vicente, 336  
Gávea, Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
22451-044



Tel: +55 (21) 2206-4400  
cebri@cebri.org.br

---



[www.cebri.org](http://www.cebri.org)